Controle Sobre os Corpos e Administração do Tempo em Bordéis Cariocas

Natânia Lopes

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/2799>

DOI: 10.4000/pontourbe.2799

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Natânia Lopes, « Controle Sobre os Corpos e Administração do Tempo em Bordéis Cariocas », *Ponto Urbe* [Online], 17 | 2015, posto online no dia 15 dezembro 2015, consultado o 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/2799> ; DOI : 10.4000/pontourbe.2799

Este documento foi criado de forma automática no dia 19 Abril 2019.

© NAU

Controle Sobre os Corpos e Administração do Tempo em Bordéis Cariocas

Natânia Lopes

Introdução

- 1 A presente pesquisa foi desenvolvida no âmbito de meu projeto de doutorado em antropologia, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UERJ. Foram observados alguns circuitos da prostituição de luxo feminina carioca com o objetivo de compreender a dinâmica do segredo que as garotas, via de regra, empenham-se em manter a respeito de seu ofício, bem como as diversas técnicas que utilizam no exercício da profissão, para preservação de seus corpos, de sua reputação, para sedução dos clientes, para maximizar ganhos, para a prática do sexo etc.
- 2 Dentro desta proposta de observar como se comportam no campo o segredo e as técnicas da profissão, surgiu o interesse pelo tema da administração do tempo feita, de modos distintos, pelas garotas e pelas casas. Sendo, no caso dos bordéis, a administração do tempo uma forma de controle dos corpos “perigosos” das garotas, e, no caso destas últimas, uma técnica de maximização de ganhos, reduzindo contra-prestações.
- 3 A prostituição de luxo é extremamente velada, de forma que a entrada em campo foi dificultada sempre que eu me apresentava como pesquisadora. Assim, tive uma informante privilegiada, alguém de minha rede pessoal de relações, uma garota de programa, que me abriu as portas do campo, facilitando o contato com agenciadores, garotas e clientes. Este artigo se concentra na observação entre as garotas de programa em dois bordéis, onde trabalhei como funcionária, a partir desta mediadora.

Panorâmica da Prostituição de Luxo no Rio de Janeiro

- 4 “Prostituição de luxo” é uma categoria nativa que se refere a programas consumidos por um público de classe média à classe alta e que custam entre 300 reais e 20 mil reais.
- 5 Constatei pela pesquisa de campo que os programas mais caros funcionam através da chamada “*ficha rosa*”. Trata-se de grandes agenciadores ou cafetinas que trabalham com um catálogo de “*modelos*”. Este circula por uma lista fechada de e-mails de clientes de alto poder aquisitivo. Aí são programas de 2.000 reais com “garotas comuns” (geralmente duram uma hora e meia), que podem ser universitárias de classe média, e de até 20.000 reais com mulheres famosas, ou que tenham algum destaque na mídia (e aí podem ser programas que duram a noite toda). São cantoras e dançarinas de funk, musas do futebol, assistentes de palco de programas de auditório, modelos de lingerie e de revistas masculinas. A cafetina fica com até cinquenta por cento do valor do programa.
- 6 Nos bordéis de luxo, paga-se cerca de 500 reais pelo programa mais barato (quarenta minutos ou uma hora, num quarto simples), mas apenas cerca de 200 reais são pagos à garota. O restante refere-se à tarifa de entrada e ao aluguel do quarto. Nos bordéis, este programa pode ser estendido por igual período. Um telefonema da “*cabinária*” (pessoa que controla a entrada e saída dos quartos ou “cabines”) para o quarto onde acontece o programa anuncia que o tempo terminou. Nem um minuto a mais. Quando toca o telefone, independente do que esteja acontecendo, o ato sexual ainda em curso, tendo ou não o cliente gozado, a garota para, veste-se e sai do quarto, a não ser que o cliente peça para “*dobrar*” o tempo do programa. Essa interrupção às vezes brusca do programa não acontece nos trabalhos feitos pelas *call girls*.
- 7 Nos programas feitos através do serviço de *call girl* - que custam um pouco mais caro - é mais difícil para a garota controlar o tempo de serviço e pode-se passar três ou quatro horas com um cliente por 500 reais. Há alguns recursos para controlar melhor esse tempo, é comum a garota fingir que tem alguém ligando para o celular dela para informar que o tempo está esgotado, ou, ela pode dizer que tem outro programa em seguida. Essas manobras precisam acontecer para convencer o cliente a deixar a garota partir, embora as moças costumem deixar claro que atendem por um tempo determinado de programa.
- 8 Já nos programas agenciados pelas grandes cafetinas, geralmente naqueles a partir de 4.000 reais, a garota pode passar a noite com um cliente, acompanhando-o primeiro numa festa, jantar ou evento. Atendentes do serviço de *call girl* cobravam 1.000 ou 2.000 reais para passar a noite com o cliente: o chamado “*pernoite*”.
- 9 É interessante pensar nestes mecanismos de controle, que criam um roteiro sexual em função da economia do tempo: o que se pode fazer, com aquele cliente específico, dentro daquele tempo determinado, para que ele goze é o caminho que a garota tenta percorrer. O tempo do programa está situado numa fronteira entre o tempo cronológico, objetivo, e outro tipo de tempo; o tempo como duração, ou seja, a experiência qualitativa do tempo.
- 10 A questão que então se coloca é quando começa o programa. O programa começa quando a garota entra no quarto? Na negociação bem sucedida? E quando acaba o programa? Geralmente um medidor deste tempo é o fato de homem gozar, não coincidindo necessariamente esse gozo com a ejaculação. Se ele goza, pode ser que o resto do programa seja apenas uma conversa no quarto, íntima e sensual.

Os Bordéis de Luxo

- 11 Eram mal remunerados os funcionários dos bordéis. E trabalhavam muito. A recepcionista saía muitas vezes além do seu horário, principalmente em dias de evento na cidade ou no bordel. Não recebia horas extras.
- 12 As garotas de programa, quando faltavam, tinham que pagar à casa uma multa entre 300 e 1.000 reais por dia, dependendo da casa. Na mais cara e famosa do Rio de Janeiro, para abonar a multa, era preciso levar um atestado médico do Sistema Único de Saúde, segundo sua gerente me contou. Outras casas aceitavam atestados de médicos particulares ou mesmo uma boa justificativa para não pagar multa.
- 13 Dos demais funcionários da casa não era cobrada a multa em caso de falta, embora não se sustentasse no trabalho o funcionário que faltasse ou se recusasse a fazer as horas extras não remuneradas.
- 14 As casas de prostituição de luxo faturam muito. Segundo entrevista com o barman de uma dessas casas, só o bar rende ao estabelecimento até 50.000 reais por dia. A casa recebe entre cinquenta e duzentos clientes diariamente, que pagam 100 reais na entrada, mais 110 ou 140 reais do quarto. Cada menina (havia em torno de sessenta garotas) paga 180 reais por semana para cobrir despesas médicas e o gasto da casa com preservativos. Além do dinheiro das multas por faltas das garotas e das lingerie e robes; uniformes da casa que as meninas compram lá.
- 15 Uma entrevista com a mesma gerente revela que também se gasta muito dinheiro para manter a casa funcionando. Segundo ela, faz-se um pagamento semanal às três polícias: federal, civil e militar. Paga-se ainda mensalmente a deputados e senadores.
- 16 A princípio, legalmente falando, não existe nenhum crime em manter a casa porque não se cobra percentagem sobre o programa, o que seria exploração sexual. Mas as transações que acontecem ali no salão poderiam permitir que o aluguel de quartos pela casa fosse caracterizado como facilitação da prostituição. Segundo a gerente, para todos os efeitos, a administração da casa não sabe do que se passa ali. É apenas uma boate. Esta fala da entrevistada me permitiu ver a importância da propina paga para garantir o funcionamento. Toda a estrutura de funcionamento da casa é voltada para a prostituição. Trata-se, de fato, de um bordel. Não é uma boate onde acontece prostituição, como algumas boates famosas em Copacabana. Há horários para as moças entrarem e saírem, pagamento de multas, uniforme de atendimento, orientação sobre como a garota deve se comportar etc.
- 17 Ainda segundo a gerente, esta casa segue o modelo dos bordéis parisienses. A casa foi fundada na década de setenta por um casal de italianos que veio para o Brasil com uma empresa de produtos plásticos.

“Eles estavam em Paris numa segunda lua de mel e viram o modelo dos bordéis de lá. Ao mesmo tempo notaram que o que dava dinheiro no Brasil era puteiro, não plástico. Aí abriram a casa. O testa de ferro foi gerente por dez anos. Se alguém cair, cai ele. Se alguém tiver que ir preso...

Aí o casal teve um filho aqui no Brasil, que herdou a boate. E ele chamou para sócio um italiano cuja família é dona de hidrelétricas na Itália. Esse gosta de puteiro mesmo. Tem até um filho com uma garota da casa. E o herdeiro da casa chamou também um senhor brasileiro, amigo da família, para sócio, esse era o gerente do pai dele. Ele ainda é o testa de ferro.”

- 18 As garotas de programa, se atendem ao perfil da casa, são admitidas no mesmo dia em que procuram a casa para trabalhar. Não fazem nenhum telefonema ou marcam horário. Apenas chegam à porta, pela tarde, e os porteiros, exibindo uma perícia sutil para lidar com a situação um tanto constrangedora que é ir procurar emprego numa casa de prostituição, antes que as garotas digam qualquer coisa, perguntam se elas querem fazer uma entrevista e as encaminham à gerente.
- 19 A gerente faz algumas perguntas às moças e explica o funcionamento da casa. Depois leva as novatas para conhecerem o vestiário. No dia seguinte, ou no mesmo dia, elas podem começar a trabalhar.
- 20 As mulheres têm entre 19 e 35 anos, a maioria na faixa dos 20.
- 21 Elas devem levar para o bordel por sua própria conta, algum material de higiene (sabonete, escova de dente; algumas casas fornecem toalha, outras não), sapatos de salto alto, uma roupa para atendimento, que é uma lingerie e um robe para usar por cima, outra roupa para ficar no salão, que é lingerie, ou, um vestido muito curto e decotado, dependendo da casa. A garota também deve levar hidratante e perfume, maquiagem, lubrificante e anestésico para sexo anal e também brinquedos eróticos que ela porventura utilize no programa. É praxe as casas de luxo fornecerem preservativos.
- 22 A rotina da garota na casa consiste no seguinte: chegar pelo início ou final da tarde – geralmente há algumas possibilidades diferentes de horário que a garota pode cumprir. Ir direto ao vestiário, onde elas têm um armário com um cadeado. Tomar banho e vestir-se para ir ao salão. O salão é a boate, onde acontece a interação entre garotas e clientes e onde se negocia o programa. Nesta casa, as “meninas” ficavam de lingerie no salão. Os clientes sentados nos mezaninos em torno do ambiente ou no bar, ao fundo. As moças eram instruídas e controladas pela gerente para ficarem no centro da sala, de pé, e repreendidas quando se sentavam para descansar os pés dos saltos altíssimos. Ali elas eram olhadas e escolhidas pelos clientes.
- 23 Quando uma garota nota que um cliente está olhando para ela, ela vai falar com ele (GASPAR, 2004, fala sobre a importância dos olhos como órgãos de sedução neste contexto). Ou o cliente chama diretamente a menina. Conversam um pouco e a garota tenta convencê-lo a fazer um programa, de preferência no quarto mais caro e por mais tempo. Se acertam o programa e decidem “subir” para o quarto, a menina faz um registro com a “cabinária” do tempo de programa, tipo de quarto, nome do cliente e seu nome (da garota). Através deste controle é que a casa indexa os programas às respectivas mulheres para fazer o pagamento, no final do dia, ou no dia seguinte. Há casas ainda que pagam só no final da semana de trabalho.
- 24 Depois de registrado o programa, o cliente espera para que a garota se apronte. Numa das casas onde fiz campo, o tempo começava a ser contado desde que a garota saía pronta do vestiário para ir para o quarto. Mas em outra, como o tempo de programa começava a ser contado desde que a “cabinária” fazia o registro (quando a “menina” saía do salão com o seu cliente), as garotas demoravam o máximo de tempo possível para se aprontar no vestiário, porque assim, passavam menos tempo com o cliente no quarto, e era mais provável que ele pedisse para “dobrar” o tempo.
- 25 Enquanto o cliente espera pela garota que foi ao vestiário se preparar para fazer o programa, ela se lava, escova os dentes, passa perfume e/ou hidratante e troca sua roupa do salão por uma lingerie de atendimento com um robe por cima. Quando ela volta para o

vestiário depois do programa, faz toda a higiene pessoal novamente, recoloca a roupa de ficar no salão e volta para lá para tentar fazer outro programa.

- 26 Esta rotina é estressante porque além do controle que a casa exerce sobre as garotas, sempre vigiadas por gerentes, donos, “cabinárias” e todo o pessoal da parte administrativa, há a concorrência às vezes pouco amistosa entre “meninas”, o assédio de clientes que não fazem programa (o chamado “cliente pentelho”, pelas garotas e gerentes), mas vão a boate só para beber e conversar. Estes elementos geram um quadro de corrida frenética para fazer os programas, onde elas têm que negociar com os controles exercidos pela casa, com as relações entre “meninas”, com a sedução dos clientes, que precisam ser persuadidos a fazer o programa. Neste sentido, trabalhar nos sites ou com as cafetinas é mais fácil porque, quando a garota sai para fazer um programa, ela já foi escolhida pelo cliente e o programa já está acertado. Na casa há, pois, a desvantagem de se passar muito tempo (no mínimo 8 horas por dia) dentro daquele ambiente, disponível para fazer programa, mas podendo não fazer.
- 27 O fato de o bordel não possuir janelas, para garantir a privacidade, somado à longa jornada de trabalho das garotas e funcionários, e ao tamanho reduzido dos muitos cômodos cria um ambiente claustrofóbico, uma “atmosfera sombria e misteriosa” (assim como diz Louise Fokkens, 1963. In: FOKKENS, 2014) em que não vemos o transcurso do dia. Entramos com o dia claro, e saímos de madrugada ou tarde da noite. Segundo uma gerente da casa, com quem conversei sobre essa impressão, “a casa é montada para isso mesmo; para que não se note a passagem do tempo”, segundo ela, por isso não há janelas, nem relógios no bordel. É a mesma lógica de shoppings e cassinos. As luzes e os espelhos ajudam a criar um ambiente terrivelmente estimulante e tenso.
- 28 Há luzes coloridas na boate escura. Ela é escura para que não se notem imperfeições estéticas nas meninas. Há muitos espelhos no salão e nos corredores, eles ajudam a transmitir as imagens de todos os cantos às câmeras e refletem luzes de todos os tipos. O vestiário, mais pobremente espelhado, é fartamente iluminado com luz branca para que a menina se vista e maquie bem. O menor número de espelhos no vestiário sinaliza para nós que os espelhos nos demais cômodos pretendem revelar as meninas aos olhos dos outros.

Sistema de Controle das Garotas nos Bordéis

- 29 Concentremo-nos no rígido sistema de controle dos corpos e do comportamento das meninas. Pode parecer estranho a um discurso abolicionista que o consumo de bebidas seja vetado à garota, pois comumente se pensa que o álcool aumentaria a permissividade das meninas, tornando-se um recurso usado pela casa para anestesiá-las. Embora, em minha opinião, a proibição de beber possa também ser lida pela via da exploração, posto que se traduz numa regulação despeitosa, por causa do motivo da proibição e pela existência consentida dos mecanismos oficiosos para burlar esta regra, o que deixa entrever uma determinada imagem pejorativa que se faz da menina e que é usada para definir o comportamento padrão no ambiente de trabalho.
- 30 Geralmente, há regras para policiar a relação das moças com a bebida, pois, segundo os gerentes e donos de casa com quem conversei, eles não querem garotas bêbadas no salão; há regras sobre como se comportar no salão, evitando “vulgaridades”, como tirar ou levantar a roupa, masturbar-se ou masturbar o cliente, ou ainda duas “meninas” se beijarem, ainda que isso seja um recurso de sedução dos clientes. Na verdade a casa tenta

impor limites a estes recursos de sedução para que a competição entre as garotas não amplie demasiadamente os limites do que é permitido fazer no salão e acabe saciando os clientes sem que eles cheguem a pagar o programa.

- 31 Também há regras que procuram controlar uma presumida vontade nas “*meninas*” de burlar o trabalho, como o limite de um pequeno número de garotas na cozinha para lanche e no “*fumódromo das meninas*”. Esta impressão que os administradores da casa parecem manter é absolutamente equivocada, pois as meninas geralmente ficam ansiosas para fazer o maior número de trabalhos possível, já que recebem por programa.
- 32 O forte controle e regulação do espaço, sobre como ele é usado pelas garotas e o próprio controle do comportamento delas, é digno de interesse. Sobre o uso da cozinha, as “*meninas*” devem estar no máximo em número de três neste ambiente para fazer a refeição oferecida pela casa, daí são anotados os “*nomes de guerra*” das “*meninas*” que já comeram; elas não têm direito a comer de novo. Também só três “*meninas*” podem ficar na área destinada a fumar, que não é a mesma área de fumantes dos clientes, vetada às garotas. Elas também não devem se demorar no vestiário. As “*meninas*” não podem mascar chicletes. Não podem usar celular fora de ambientes determinados. Não são dispensadas do trabalho quando estão menstruadas. São orientadas a colocar um chumaço de algodão como tampão. E aí há uma grande ansiedade para que o cliente não perceba que ela está menstruada, pois pode se recusar a pagar o programa.
- 33 A “*menina*” também não pode consumir bebida do bar, como vimos, a não ser que o cliente ofereça. Numa das casas que trabalhei, as “*meninas*” pediam para o barman colocar suas bebidas alcoólicas em copos de suco com um guardanapo em volta, para esconder o conteúdo. Mas o próprio dono da casa me explicou sobre como as “*meninas*” faziam esses truques, na entrevista que fiz de admissão a casa, disse que o que queriam evitar era que a garota ficasse muito bêbada, ou que se aproximasse dos clientes só para pedir bebida, as chamadas “*Maria Tequila*”, como ele nomeou. As “*meninas*” também são obrigadas a se submeter a exames de sangue mensais e testes ginecológicos semanais.
- 34 A mesma regulação não funciona para clientes, gerentes e donos das casas. Gerentes e donos entram no vestiário com as “*meninas*” todas nuas e isso é considerado normal. Há câmeras nos vestiários também e até nos banheiros. Em alguns bordéis, há câmeras na área das latrinas e duchas utilizadas pelas garotas, sob o argumento de que se pretende evitar furtos e uso de drogas. A gerente de uma casa me contou que os donos se divertem com aplicativos em seus celulares que mostram as imagens das câmeras do bordel. Homens da alta administração da casa às vezes têm a prerrogativa de beijar as “*meninas*” na boca e bolinar seus corpos, fora de situações de programa. Em certas contendas entre garotas e clientes a casa nunca protege a garota, como foi o caso do cliente russo que fotografou uma “*menina*” dentro do salão de uma casa importante da cidade. A moça reclamou com o gerente, mas o cliente não foi incomodado. O gerente apenas autorizou que a própria “*menina*” fosse falar com ele. Segundo a garota, ele fingiu que não falava português. Não apagou a foto.
- 35 Apesar de todas estas invasões do espaço pessoal da “*menina*”, do desrespeito da sua intimidade, as garotas desempenham, geralmente, com muita satisfação o papel de prostitutas. Conversam animadamente no vestiário sobre programas feitos, flertes no salão e dinheiro. A remuneração alta, somada ao tipo de relação que se estabelece com os clientes (o cliente é aquele que é ludibriado pela garota, como indicam as piscadelas às vezes pouco discretas entre as garotas que fazem programa com um mesmo cliente) traz uma impressão de “*estar se dando bem*”.

- 36 Diversas falas de entrevistadas dos bordéis e sites de anúncios de garotas de programa deixam claro essa perspectiva positiva e respeito da profissão:

“Cara, fazer programa é muito bom, muito bom, muito bom. Eu sou mega bem tratada pelos clientes. São todos uns fofos, ficam todos apaixonados. Caras com quem eu transaria de graça, se encontrasse na noite, me procuram ali para eu fazer sexo e ainda me pagam! É surreal! Muito bom, muito bom... melhor coisa que eu descobri na vida foi fazer programa”.

“Ai amiga, eu não quero mais namorar não. Fala sério! Namorar é só dor de cabeça... você fica com ciúme, briga, tem que aturar o ciúme do outro... eu to com saudade da mulher poderosa que eu era quando anunciava minhas fotos no site. Vários homens com muito dinheiro me querendo, me dizendo como eu sou linda... eu cheia de dinheiro, podendo comprar tudo que eu quisesse... gastando uma fortuna no shopping... salão, unha, roupa nova, sapato... ai... só se eu for trouxa mesmo que eu vou continuar [namorando] com o Fulano!”

“Pode parecer contraditório, mas fazer programa é libertador. Você não fica refém de homem. Você usa eles pra ganhar dinheiro. É toma lá da cá.”

“Pensam que a prostituta é uma coitada, mas é legal gente. Dá muito dinheiro. Eu tiro por mês é quinze mil Reais... meus filhos estudam nas melhores escolas. A mensalidade da escola do meu filho mais novo é mil e trezentos Reais. (...) Fazer programa no meu caso foi ótimo porque me deixa ter esse conforto, dar uma vida boa pros meus filhos.”

- 37 As falas demonstram certo orgulho da profissão ou um entusiasmo que é muito visível nos diversos nichos da prostituição de luxo que frequentei. Esse orgulho contrasta com o lugar estigmatizado que a garota experimenta, ao mesmo tempo, como alvo da regulação dos bordéis, desrespeitada em sua privacidade nestes ambientes, desrespeitada pelos clientes em suas vontades, ou como alvo de violências sistemáticas em suas relações pessoais pelo peso que o estigma comporta.

Conclusão

- 38 O sistema de controle dos corpos das garotas pelas casas passa por um controle do tempo de programa e dos espaços por onde as garotas circulam, como se comportam e de sua frequência ao trabalho. O tempo de programa, por parte das garotas, é administrado tentando-se uma espécie de sabotagem da troca que estipula um valor x por um tempo y. Normalmente pretende-se passar o mínimo de tempo possível com o cliente ou pelo menos fazer sexo por pouco tempo, segundo pude constatar em entrevistas e conversas informais.
- 39 É através da sua orgulhosa autoconstrução como mulher esperta ou “malandra” que as prostitutas do meu campo manipulam a relação com os clientes e com os patrões, negociando e esquivando-se o tempo todo do controle exercido.
- 40 A última questão que nos mobiliza a este respeito é que, assim como ensina Foucault (2005) sobre a noção de subjetividade, o estigma constitui a prostituta, na sua construção subjetiva, mas não retira a sua agência. Existe, pois, uma linguagem própria das garotas que não se reduz ao papel.
- 41 Perguntamos-nos então sobre a construção da subjetividade feminina na prostituição, que não se reduz ao papel da prostituta, mas que implica conhecer por dentro como ele é elaborado. Onde despontam formas diversas de se encenar a prostituição. Talvez apenas uma etnografia dos programas possa captar a riqueza dessas performances em que a manipulação que as garotas fazem dos controles da casa, através da administração do

tempo dentro do bordel, revela formas de contornar o estigma que se encontra profundamente entrelaçado com as práticas dentro destes ambientes de trabalho.

BIBLIOGRAFIA

FOKKENS, Martine & FOKKENS Louise. 2014. As Senhoritas de Amsterdã – confissões das gêmeas prostitutas mais antigas da cidade. Porto Alegre: L&PM.

FOUCAULT, Michel. 1999. A História da Sexualidade I – a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal.

_____. 2005. A História da Sexualidade III – o cuidado de si. Rio de Janeiro: Edições Graal.

GASPAR, Maria Dulce. 2004. Garotas de Programa – prostituição em Copacabana e identidade social. 3ª edição – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

AUTOR

NATÂNIA LOPES

Doutoranda do PPCIS, UERJ